

por muitas horas depois da ultima convulsão, necessidade de tratamento muito energico.

Mas pelo que respeita ao futuro, considerando a maior frequencia da eclampsia durante o parto, ou pouco antes ou depois d'elle, não teriamos razões para crer que, a continuar a marcha da prenhez, ficaria a nossa doente, no decurso de trez mezes, ameaçada de novos e mais graves ataques de eclampsia? Ficariamos nós, os medicos que a familia constituiu arbitros d'esta momentosa questão, de animo tranquillo, e poderiamos tambem acalmar-lhe as justas inquietações, deixando aos unicos recursos da natureza a prevenção dos riscos futuros?

Se alguns parteiros pensam que a eclampsia é tanto mais perigosa quanto mais adiantada a gravidez, julgam outros que não; alem d'isso, ha exemplos irrecuraveis de eclampsia no quarto mez de gestação, seguida de cura sem aborto, chegando a prenhez ao termo natural sem accidente algum.

Em taes condições adoptamos a espectação pelos motivos já indicados na historia do caso, e, alem d'isso, porque nem sempre o aborto e o parto, espontaneos ou provocados, fazem cessar definitivamente os ataques convulsivos, como depois succedeu, visto que a doente *dezeseis dias depois* do aborto, ainda soffreu um accesso d'eclampsia, seguido logo de albuminuria.

Esta parecia, pois, a pratica mais prudente, e o exito mostrou que foi a mais acertada. Em relação ao tratamento convém não esquecer uma circumstancia que pode ter tambem algum interesse pratico. Depois de sete dias de repouso, a contar dos primeiros tres ataques de convulsões, foi a doente de novo acometida dos mesmos incommodos que as precederam no sabbado anterior, isto é, a dôr de cabeça e do epigastrio, e a perturbação da vista; estes symptomas pareciam até mais intensos do que da primeira vez; n'estas condições foi administrado o chloral na seguinte formula:

R. Chloral hidratado.....	2,00	grammas
Agua d'alface.....	120,00	,
Tinctura de valeriana.....	4,00	,
Xarope de flores de lorangeira	20,00	,
M.º		

Esta poção foi administrada na dose de duas colheres, das de sópa, de horã em hora até acalmar os symptomas, e produzir o sommo, resultado que se obteve em algumas horas.

Teria o chloral a virtude de prevenir novos ataques de convulsões? Ninguem o poderia afirmar; porém a sedação e a calma produzidas

n'este caso recommendam aquelle medicamento em idênticas circumstancias; nem o seu uso é já uma novidade na clinica obstetrica. Não são, talvez, muito diversos d'este os effectos do chloroformio em inhalações, que o Dr. Hall Davis, de Londres, recommenda como *principal* remedio nos casos asthenicos de eclampsia, nos quaes as emissões sanguineas são contra-indicadas (**). Como quer que seja, eu não deixarei de recorrer de novo ao chloral nas mesmas condições em que elle pareceu de grande vantagem no presente caso.

Recapitulando os pontos mais interessantes da nossa observação, ou, pelo menos, os que mais interessam á pratica, vemos:

1.º Que uma primipara, antes de completo o sexto mez da gestação, sem edemacia previa, sem indicio algum de aborto proximo, sem causa physica ou moral apreciavel, foi acometida de eclampsia.

2.º Que a primeira urina evacuada depois dos tres primeiros ataques de convulsões continha albumina; e que, não se repetindo estes, aquella foi gradualmente diminuindo, até desaparecer de todo, dezoze dias depois da invasão da doença.

3.º Que oito dias depois das primeiras convulsões, foi a doente acometida dos mesmos symptomas que as tinham immediatamente precedido, symptomas que o uso do chloral pareceu acalmar, não se repetindo os ataques convulsivos.

4.º Que o aborto realisou-se lenta e espontaneamente onze dias depois de cessarem as convulsões.

5.º Que, dezeseis dias depois do aborto, estando a doente já considerada livre de todo risco, foi de novo acometida de um ataque unico de convulsões, precedido de dôres de cabeça e perturbação da vista, e seguido logo do reaparecimento da albuminuria.

6.º Que, cinco dias depois das ultimas convulsões, desapareceu a albuminuria, restabelecendo-se a doente.

10 de Outubro de 1872.

VARIÉDADE

CHRONICA.

O Sr. Dr. Antonio J. de Faria.—Acha-se entre nós, de volta de sua viagem á Europa, este nosso distincto collega. Trouxe-nos um volume nitidamente impresso em Portugal, de sua obra a que deu o titulo modesto de

(**) *Obstet. Trans.* Vol. XI pag. 279. 1870.

apontamentos para o estudo da clinica medica e dedicado a mocidade estudiosa da nossa Faculdade. Pela estreiteza do tempo não podemos neste numero dar uma noticia des- envolvida sobre o valor dessa interessante publicação, com que o nosso collega enriqueceu a nossa litteratura medica, o que faremos em um dos numeros proximos.

Nomeações para o Hospital da Santa Casa de Misericordia.—Foram nomeados pela Mesa administrativa da Santa Casa de Misericordia desta Cidade medicos adjunctos do hospital: os Doutores Demetrio Cyriaco Tourinho, José Luiz de Almeida Couto, Barão de Itapoã, Augusto Freire Maia Bittencourt, Amancio João Cardoso de Andrade, José Lourenço de Magalhães, Horacio Cesar e Francisco dos Santos Pereira.

Foram designados para as enfermarias de medicina: os Doutores Demetrio Cyriaco Tourinho, José Luiz de Almeida Couto, Augusto Freire Maia Bittencourt e Amancio J. Cardoso de Andrade e para as enfermarias de chirurgia: os Doutores Barão de Itapoã, José Lourenço de Magalhães, Horacio Cesar e Francisco dos Santos Pereira.

Os nomeados não perceberão vencimento algum; terão porem direito a entrar no quadro dos effectivos, attendendo-se a especialidade de cada um, logo que venha a dar-se alguma vaga.

Programma do curso de pathologia externa.—Com este titulo publicou o Sr. Dr. Antonio Ferreira França um opusculo para uso de seus alumnos na Faculdade da Côrte. Tendo sido pelo governo submettido ao juizo da Congregação da nossa Faculdade para dar parecer, nomeou ella uma commissão da secção cirurgica para esse fim, a qual apresentou a seguinte opinião que foi unanimemente approvada:

« A commissão, encarregada de dar parecer sobre o programma do curso de pathologia externa do Sr. Dr. Antonio Ferreira França, julga de grande apreço o livro do illustre professor, e acha que todos os que seguem o seu curso, devem trazer sempre comsigo esse livro, o qual por sua concisão poderá suscitar-lhes as idéas ouvidas n'aula e ahi doutamente expendidas pelo digno cathedratice, credor de todo elogio pol-o seu

proveitoso trabalho: a commissão porém, entendendo que o verdadeiro compendio é o lente expondo a doutrina na cadeira e que os compendios, omittindo redundancias e idéas secundarias, de todo não calem um ou outro desenvolvimento a proposito; opina que o programma, por demasiadamente resumido, não está no caso de bem preencher o fim de um compendio, propriamente dito. Bahia 1.º de Setembro de 1872.—M. L. Aranha Dantas.—Dr. Elias José Pedrosa.—Dr. José Affonso de Moura.

Modo por que se faz a visão binocular; pelo Dr. H. Kaiser.—N'um trabalho recente sobre o horoptro, o auctor colheu resultados que o esclareceram sobre a maneira por que se faz a visão binocular e que não está em harmonia com a theoria de Hering-Helmholtz. O auctor expõe primeiro esta theoria e o modo como se deve comprehender o olho imaginario do cyclope. Mostra depois que, quando se quer mirar qualquer objecto, todos se servem de preferencia e mesmo exclusivamente de um dos olhos, e é quasi sempre o direito, o que naturalmente provém de quasi toda a gente ser *dextra*. O auctor prova depois, por experiencias, que no acto visual, voluntaria ou involuntariamente, se deixa o papel dominante a um olho, e que então vemos com elle os objectos no seu logar real, emquanto que com o outro os vemos como se este, com suas impressões retinianas, fosse transferido concentricamente para o logar d'aquelle; da mesma fórma que se faz o transporte das duas superficies retinianas por o olho cyclope, segundo Helmholtz.

Todos os pontos que não estão no horoptro se vêem duplos. A impressão do olho fraco é ordinariamente supprimida pelo olho mais forte; sómente são conservadas as partes do campo visual exclusivas ao olho fraco, que parecem como se fossem vistas pelo olho forte.

Em apoio de tudo isto o auctor apresenta um grande numero de experiencias.

Fixando por muito tempo um campo de visão, e querendo referir a situação dos objectos ao *eu*, então servimo-nos, sem o saber, do olho fraco, e d'este modo parte-se de dois pontos de referencia iguaes, e assim se justifica a theoria do olho cyclope.